

O DESEJO DE GUARDAR: o processo de constituição de um museu comunitário na Vila de Matarandiba

Resultado de investigación finalizada
Gt 06 - Imaginarios sociales, memorias y poscolonialidad
Renata Freitas Machado

Este trabalho propõe discutir os processos envolvidos na reconstrução da memória coletiva da Vila de Matarandiba, através da constituição de um memorial comunitário. Matarandiba é uma pequena vila de pescadores e marisqueiras em sua maioria afrodescendentes, localizada no município de Vera Cruz, na Bahia. Através de uma etnografia foi possível compreender como os diferentes sujeitos sociais articulam as lembranças e os esquecimentos para a construção da memória social enquanto campo de disputas identitárias. Foram analisados os mecanismos de constituição de um memorial comunitário na vila, objetivando compreender os motivos que levaram uma parcela dos residentes locais a constituir um espaço que permitisse perenizar a memória do lugar e como esta iniciativa foi concretizada. Dentre os aspectos tratados, destacaram-se a importância dada à relação entre os espaços e os lugares; as manifestações culturais e o reconhecimento do valor do patrimônio material e imaterial como parte da memória coletiva e elemento de diferenciação de outras comunidades da área.

Palavras-chave: Memória social, patrimônio e cultura.

APRESENTAÇÃO

Este trabalho é parte da dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal da Bahia com o título original: Um olhar etnográfico sobre a reconstituição da memória social de Matarandiba. O artigo (*O desejo de guardar*) é um recorte da dissertação e está focado no desejo das pessoas de terem suas memórias e histórias preservadas. Matarandiba é uma vila de pescadores e marisqueiras localizada na Ilha de Itaparica e pertencente ao Município de Vera Cruz. Atualmente, vivem na vila aproximadamente 600 pessoas. Apesar da pesca e a mariscagem se apresentarem como as principais atividades econômicas, uma parcela significativa dos moradores tem como principal fonte de renda as aposentadorias, pensões e benefícios do governo. Entre os jovens pode-se notar grande ociosidade, uma vez que não estudam nem estão engajados em nenhum tipo de ocupação constante. A vila apresenta alto nível de desemprego, falta de investimentos em educação, em assistência à saúde, além de deficiências no plano social, político e econômico.

Apesar das deficiências que podem ser identificadas, a vila vem experimentando um processo de fortalecimento da identidade local, resgate das manifestações culturais e valorização do patrimônio imaterial desde os anos 2007. O resultado desse processo é a constituição de um memorial comunitário que é tema dessa dissertação. A proposta do estudo foi de realizar uma etnografia do processo de constituição deste memorial. Dentro dessa perspectiva, cabe entender as motivações que levaram os moradores a se mobilizarem para reconstruir e perenizar a memória coletiva do local através da constituição de um memorial e como esta iniciativa vem se concretizando.

Nas ciências sociais e, particularmente na antropologia, a memória foi eleita como um elemento importante para compreensão da constituição de práticas do presente. A memória social é o meio pelo qual se constroem e reconstróem a identidade de grupos, de sociedades, de nações e de povos (BELTRÃO & CAROSO, 2007). A antropologia é marcada pela ideia de preservação desde o início, já que ela surge dentro dos museus e a memória social não deixa de estar inserida nesse processo (LIMA FILHO & ABREU, 2007). A memória é uma construção feita no presente a partir das experiências ocorridas no passado e essa construção se dá através da dialética da lembrança e do esquecimento.

Nesse sentido, o esquecimento pode ser compreendido como “condição para emergência do novo, a renovação de nossa existência atual de acordo com a possibilidade de atingir um novo modo de ser” (MARTINS & CAROSO, 2007, p. 17).

1. MATARANDIBA HOJE

Matarandiba fica depois da Ilha da Cal, depois de Itaparica, quem vem pelo mar é do lado esquerdo, defronte a Mutá. É Mutá de um lado, Matarandiba do outro e no meio o mar. Tá entendendo o meu dizer como é? Quem vem por terra é depois da entrada de Jiribatuba, antes da ponte, Jiribatuba do lado esquerdo e Matarandiba do lado direito. Matarandiba é uma Ilha (Tia Dina, f., 90 anos, 19 de julho de 2012).

A vila de Matarandiba está fixada em terras pertencentes a uma empresa química multinacional. Os limites das terras de propriedade da empresa a torna protegida de um lado pelo mar e do outro por uma cerca que se abre em um portão com uma pequena guarita, sob vigilância da indústria das 06h às 18h. Alguém que passe pela estrada estadual que corta a ilha de Itaparica longitudinalmente, jamais imaginará que atrás daquele portão existe uma pequena vila pesqueira. Homônima a ilha onde está localizada, a Vila ocupa uma pequena faixa costeira do território em questão, sendo rodeada por manguezais e formando um pequeno embaçamento que têm nos outros limites as localidades circunvizinhas, a exemplo de Cações, Mutá e Pirajuía.

O território é construído e reconstruído a partir das ações e formas de controles por homens e mulheres sobre este. Muito além das localizações geográficas que tem por intuito apenas aproximar o leitor da localização, o principal intuito é compreender a ideia que o nativo tem de espaço. Na maioria das vezes, as conceituações geográficas ocidentais diferem completamente da ideia de espaço que as pessoas nativas carregam dentro de si. E essa ideia de localização muda a partir da relação que as pessoas estabelecem com o ir e vir. Nas últimas quatro décadas, a forma de deslocamento mudou de um meio de transporte essencialmente marítimo para um transporte terrestre, que é o meio mais rápido de chegar ao local, como resultado da implantação de uma malha rodoviária. Isso muda também a relação que a comunidade estabelece com as localidades vizinhas.

As cidades e vilas da Ilha de Itaparica sempre tiveram uma ligação cultural e econômica muito intensa com o Recôncavo, além da troca de mercadorias, fluxo migratório de pessoas, dentre outros aspectos. Essa ligação diminuiu com a redução do transporte marítimo na Baía de Todos os Santos. Outros fatores também influenciaram para que ocorresse essa diminuição e são melhor elucidados no capítulo referente à história. Mas cabe ressaltar que tais mudanças aumentaram o isolamento da vila e o retardamento do desenvolvimento local, sendo esta uma constatação do ponto de vista nativo de desenvolvimento. A população local costuma se referir ao desenvolvimento na perspectiva de uma lógica capitalista. A ideia de desenvolvimento está associada a uma externalidade, algo importado com o objetivo apenas de gerar emprego e renda para a população, ou seja, as pessoas acreditam que podem mudar a realidade econômica da vila através da implantação de uma fábrica para exploração de alguma matéria prima da localidade, ou para fabricação de algum produto manufaturado.

Um lugar desenvolvido? Aqui não é desenvolvido. Para ser desenvolvido tem que ter uma fábrica seja de que for, pra dar emprego aos pessoal daqui. Todo mundo trabalhou um pouco na Dow e depois foi colocado pra fora e não teve mais oportunidade de trabalhar, se tivesse uma fábrica dava emprego a todo mundo. Até eu mesmo ia trabalhar, se minha idade permitisse. (Fernando, m., 57 anos, 20 de novembro de 2013)

O início da década 1970 é marcante para os moradores da vila, quando a descoberta de depósitos de salgema¹ pela Dow Química (empresa de origem norte-americana) traz mudanças estruturais para a comunidade (no que se refere à acessibilidade e criação de postos de trabalho). A Companhia nesse período constrói uma estrada ligando a Ilha de Matarandiba a Ilha de Itaparica, realizando um grande aterro marítimo que alterou profundamente o curso natural da água do mar na localidade. Os impactos ambientais oriundos desse aterramento até hoje não foram apropriadamente avaliados, no entanto é comum ouvir dos pescadores que algumas espécies marinhas deixaram de ser encontradas na região de pesca. No que se refere à criação de posto de trabalho, estes, até hoje são temporários e em atividades que demandam trabalhadores com menores qualificações e remuneração de mais baixo nível.

Uma terceira observação que deve ser destacada foi à aquisição de terrenos pela Empresa que correspondem a 900 hectares da área total da Ilha de Matarandiba, incluindo o trecho que compreende a vila dos pescadores. Este fato tem repercussões diretas sobre o atual déficit de habitação local, uma vez que os terrenos a serem usados para a expansão de habitações foram apropriados pela Empresa.

A Vila apresenta deficiências no plano educacional, econômico, ambiental, político e social, em consequência disto, elevados índices de pobreza (FRANÇA FILHO, RIGO e LEAL, 2011). O mapeamento de produção e consumo local realizado em 2008² identifica a presença de 134 famílias e 479 pessoas. A renda *per capita* mensal é de R\$ 167,75, e a renda familiar é de R\$ 590,48. No que se refere à educação, a comunidade conta apenas com duas escolas voltadas para o ensino fundamental. A vila apresenta baixo índice de analfabetismo, 14% dos moradores têm o segundo grau completo e 0,9% tem curso superior completo, indicando uma média de poucos anos de estudo (ECOSMAR, 2008).

Apesar das carências, o que caracteriza a Vila não são os seus aspectos socioeconômicos deficientes, mas o lugar que a cultura local assumiu no cotidiano das pessoas. Matarandiba passou a ser reconhecida externamente através do grupo de samba de roda, das festas de São Gonçalo, pelo Terno de Reis e outras manifestações culturais. Internamente esse reconhecimento tem resultado na valorização da autoestima e principalmente no fortalecimento da identidade cultural da população.

A vila vem seguindo um caminho inverso, a tendência seria a massificação e a padronização oriunda das transformações capitalistas. No entanto, a comunidade atualmente vem passando por um processo de valorização e resgate da cultura local, primeiramente com a criação de uma associação cultural, e, em seguida, com a retomada de manifestações culturais da comunidade, a exemplo de autos, músicas e danças populares como “Zé do Vale”, “Terno de Reis” e “Samba de Roda”. Neste sentido retomamos a afirmação de Sahlins (2007), identificando aí um processo de autoconsciência cultural, uma afirmação de uma continuidade cultural, que na maioria das vezes, segundo o autor, é vista pelos intelectuais do ocidente como espúrias. Ao processo de continuidade cultural é creditado uma decadência: recuperação artificial que só pode produzir simulacros de um processo morto. No entanto, o renascimento cultural vivenciado na Europa jamais foi considerado artificial ou simulacro de uma realidade (SAHLINS, 2007).

É possível também pensar a recente retomada das práticas culturais (tanto as de caráter nacionalistas ou no caso de comunidades tradicionais) do ponto de vista de uma “invenção das tradições”? Hobsbawm (1984) entende o termo enquanto um conjunto de práticas reguladas ou claramente aceitas de caráter ritual ou simbólico, cuja finalidade é inculcar valores e normas de comportamento através da repetição (HOBSBAWM, 1984). O autor afirma que “toda tradição inventada, na medida do possível, utiliza a história como legitimadora das ações e como cimento da coesão grupal.” (HOBSBAWM, 1984, p 21) Nesse sentido, para ele, o estudo dessas tradições

¹ Matéria-prima para a produção de cloro e soda cáustica.

² O Mapeamento foi realizado em 2008 pelo Projeto de Economia Sustentável e Solidária de Matarandiba (ECOSMAR), através da Incubadora Tecnológica de Economia Solidária e Desenvolvimento Territorial - ITES da Escola de Administração da UFBA.

possibilita compreender principalmente as relações estabelecidas dos grupos com o passado. Sendo assim, compreender a (re) invenção dessas tradições na perspectiva da vila, auxiliará no processo de compreensão da história da comunidade e conseqüentemente do resgate da memória social.

O Ponto de Memória

A inauguração do Ponto de Memória ocorreu no dia 05 de agosto de 2012. O lançamento teria a apresentação de um espetáculo teatral de Salvador, Histórias de Mãe Beata e apresentação do Samba de Roda mirim, Os Filhos de Maria. Para a inauguração foram coletados objetos na vila pra fazerem parte do acervo. Angelina, que foi citada anteriormente, foi responsável por fazer essa coleta. Segundo Angelina, a coleta estava sendo muito complicada porque a maioria das pessoas haviam jogado fora “as coisas velhas”. Ela sempre dizia que estava impressionada porque as pessoas não guardavam os objetos antigos. Em uma das conversas Maria José (nativa que mora em Salvador), dizia que parecia que as pessoas estavam vivendo sem memória. As pessoas que tinham objetos não estavam dispostas a doá-los ou emprestá-los para o museu. De acordo com Deni (Presidente da ASCOMAT), não foi esclarecido de maneira correta como e por quanto tempo esses objetos seriam utilizados. Apesar de toda essa dificuldade, no dia da inauguração não parava de chegar material para o museu, era importante para as pessoas ter algo que simbolizasse a sua história, ou seja, a história da sua família.

O museu foi instalado na sede da ASCOMAT onde também funciona o Ponto de Leitura. O museu é composto por dois ambientes, o primeiro reúne fotos, objetos antigos (louças, ferro a carvão de passar roupa, panelas, castiçais, santos, além de uma réplica da almofada de fazer renda de bilros e uma cama de bebê feita de saco de farinha, dentre outros), além das indumentárias das manifestações culturais. No segundo ambiente, foi feita uma cozinha com características das cozinhas das casas de taipas de antigamente, foi utilizado cascas de marisco, barro batido e palhas de dendê. A maneira como os objetos foram colocados não respeitava os parâmetros dos espaços museais e o mais importante em nada condizia com o modelo predominante de expor o passado como narrativa linear. As peças dispersavam em tempo e espaço. No entanto estava presente no imaginário das pessoas a ideia do museu enquanto lugar do passado.

Dos espaços que compunham o Museu o que mais chamava atenção da população era o corredor de fotos antigas, a população queria se reconhecer e reconhecer principalmente as pessoas mais velhas que já faleceram. A partir dessa observação que percebi o valor que era dado às pessoas para reconstrução da memória social, ou seja, a prioridade era o sujeito e não o objeto. Nesse sentido é importante destacar a fotografia como um dado antropológico. A partir da análise do acervo fotográfico do Museu Comunitário é possível perceber qual o estatuto da fotografia para o grupo e de que maneira as imagens acionam a memória das pessoas (MYLIUS e ECKERT, 2004).

AS PESSOAS QUE PERMEIAM AS LEMBRANÇAS

A importância dada às pessoas modificou completamente o caminho a ser percorrido por essa pesquisa. Esse trabalho tem como principal objeto as pessoas, sejam aquelas que permeiam as lembranças, as inscrições das lembranças nos corpos, o desejo de guardar algo que remete a alguém. Por isso mesmo, não escrevo apenas sobre alguém ou algo que foi dito, mas sim através dessas pessoas.

Na cultura ocidental, o patrimônio cultural sempre foi pensado a partir da perspectiva dos monumentos, do concreto, ou seja, de algo solidificado. Numa perspectiva que destaca a memória enquanto um fenômeno constituinte da identidade social, Michel Pollack vai problematizar três elementos que, segundo ele, compõem a memória individual ou coletiva: os acontecimentos, os personagens e os lugares. O autor chama atenção tanto para os acontecimentos, personagens e lugares reais e concretos, como também para possíveis projeções de outros eventos. Dito outra maneira, Pollack vai falar dos eventos, pessoas e locais vividos pessoalmente ou simplesmente vividos por

tabela, ou seja, quando não há uma participação efetiva, mas no final das contas a depender da importância que é dada a tais elementos é quase impossível saber se houve participação ou não. Nesse sentido, é possível falar de uma memória quase herdada: projeção ou identificação com determinado passado através de uma socialização política ou histórica (POLLACK, 1992). Ao apresentar esses elementos, dando ênfase as projeções e transferências dos eventos, Pollack (1992) tem o objetivo de chamar atenção para o fato de a memória ser seletiva, um fenômeno construído e ao mesmo tempo um elemento constituinte do sentimento de identidade. (POLLACK, 1992). Segundo o autor, “aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros” (POLLACK, 1992 p 05).

Na cultura de Matarandiba, mais do que os lugares e acontecimentos, são os personagens que assumem o papel central no processo de reconstrução da memória social. O sentimento de identidade está interligado a essa projeção com personagens que permeiam os acontecimentos e consequentemente as lembranças das pessoas.

Nossa cultura ocidental urbana é marcada pela valorização do patrimônio enquanto objeto. “Na medida em que produzimos coisas, nossa preocupação é com a preservação das coisas, produtos, e com as técnicas de sua produção. Nossa cultura é uma soma dessas coisas: conservamos as ideias, as citações, e deixamos passar as pessoas (WAGNER, 2010, p 60). Nas culturas não ocidentais o patrimônio é valorizado a partir da relação das pessoas com as coisas:

As pessoas é que são importantes; os objetos de valor consistem em “fichas” para “contar” pessoas, e longe se serem entesourados, são frequentemente dispersos por ocasião da morte mediante pagamentos mortuários” São as pessoas, e as experiências e significados a elas associados, que não se quer perder, mas do que as ideias e coisas. (WAGNER, 2010, p. 60)

Dois momentos, em especial, chamaram a minha atenção quanto à importância dada às pessoas:

Certo dia Mãe Célia, a mãe do Terreiro de Umbanda local, uma pessoa muito respeitada na comunidade até mesmo por aqueles com diferentes orientações religiosas, foi até o Museu e pediu para que eu fosse até a casa dela que tinha algumas fotos de pessoas que já morreram para doar ao museu. Passado algum tempo eu fui até lá e começamos a conversar, ela sempre gostou muito de contar a sua história de vida, o que tinha levado ela a morar na Vila. Depois de algum tempo ela começou a me mostrar as fotos, fotos bem antigas, de pessoas que eu não conhecia e até fotos de pessoas que não eram da Vila. Ela pediu encarecidamente que levasse as fotos para colocar no Museu por que ali eram pessoas especiais e deveriam ser lembradas. Em seguida, ela perguntou se podia dar uma opinião sobre a estrutura do Museu. Eu aceitei é claro. Ela dizia que não eram aqueles objetos que deveriam ser guardados e expostos no museu, principalmente por que aqueles objetos já tinham passado pelo fogo e haviam perdido a sua força. Mas aquelas fotos sim, pois elas referenciavam pessoas que jamais deveriam ser esquecidas.

O relato de Mãe Célia marcante mudou completamente o meu olhar sobre o Museu e os objetos, que tinham sim sua importância, mas não eram eles que mais chamavam atenção, geralmente as pessoas nativas nas primeiras semanas logo após a instalação do museu costumavam ir até lá para ver as fotos antigas, não só se ver, mas também ver o outro, as mudanças que aconteceram nas pessoas e na paisagem da vila. Segundo Mylius e Eckert (2004), as pessoas reconstroem o passado através de imagem, ou seja, a fotografia como um ponto de partida para a reconstrução das lembranças. Ao fazer esta afirmação Mãe Célia chama a minha atenção quanto ao uso social da fotografia, ou seja, através da imagem é possível reafirmar o sentimento de pertencimento ao grupo, além de fortalecer os laços e os valores sociais de uma determinada época. As pessoas ao contemplarem, repetidamente, as antigas fotos penduradas entre os corredores da Associação revelam as imagens de episódios já esquecidos na memória. As imagens captadas pela lente de uma objetiva permitem outras leituras, como a de uma

viagem interior e pessoal em busca da própria identidade no contexto familiar ou do grupo social em que está inserido (LINS DE BARROS, 1989).

A imagem traz ali presente uma pista para o caminho da memória. Não apenas da memória de vivências passadas, mas de uma memória ancestral, trazida pelas velhas fotos das bisavós de saias compridas e penteados bonitos que ilustram as crônicas familiares aprendidas no decorrer da vida (LINS DE BARROS, 1989, p. 39).

Logo em seguida Almerinda, a Vice-presidente da ASCOMAT, reafirma esse lugar ocupado pelas pessoas. Uma vez ouvir Almerinda comentar a seguinte frase: “A Matarandiba de hoje não é a minha Matarandiba”. No momento achei que ela se queixava das mudanças que ocorreram nos últimos anos na vila ou sobre o comportamento das novas gerações. Decidi entrevistá-la e compreendi que a Matarandiba a que ela se referia como sendo a sua era o local onde as pessoas ainda estavam por lá. Segundo Almerinda, ela estava perdendo aos poucos as pessoas que tinha como referência e não fazia nenhum sentido permanecer por lá. Almerinda nasceu em Maragogipe, sua Tia (e madrinha) havia se mudado pra Matarandiba e casado com um pescador com quem teve 11 filhos. Nas férias Almerinda ia para Matarandiba e ficava com a Tia e os primos. Ela contou como as férias eram divertidas, brincava no quintal, se sentia totalmente livre. “*Alguma coisa dentro de mim que me bloqueou, a dor, a família que me completava sumiu todo mundo daqui de dentro e deixou um vazio, meu umbigo está enterrado no quintal da casa de minha madrinha*” Essa Matarandiba não é mais a minha Matarandiba”. (Almerinda, f., aprox., 65 anos, 15 de dezembro de 2012). Ao perguntar qual era a sua Matarandiba, ela responde:

Era a Matarandiba que não tinha luz, que não tinha água encanada, que não tinha casa no Porto, que tinha o prédio para gente dançar, a união não é a mesma. Ai! Como eu queria fazer minha casa com cascos de chumbinho no chão, como eram as casas de antigamente. Matarandiba é minha raiz, é minha família. A identidade da família, a raiz que sustenta a família. Mas cadê a raiz que sustenta a família? foi todo mundo embora. Todo mundo já se foi e por último foi a minha avó.” Tô perdendo a força, a alegria de viver. As coisas antigas não saem da cabeça da gente (Id. Ibid.).

De acordo com Lins e Barros (1989), “a importância do grupo familiar como referência fundamental para a reconstrução do passado advém do fato de a família ser ao mesmo tempo, o objeto das recordações dos indivíduos e o espaço em que essas recordações podem ser avivadas” (LINS E BARROS, 1989, p.34).

A entrevista que eu fiz com Dona Zilda, uma senhora de 85 anos, não foi diferente, ela sempre relembrava o passado fazendo referências às pessoas que fizeram parte da sua vida na juventude. As lembranças que me contava pareciam ser uma verdadeira viagem ao passado, as “camaradas”, o cotidiano da vila, as brincadeiras de roda. Uma viagem não no sentido de reviver, mas sim de refazer e reconstruir, como imagens e ideia de hoje, as experiências ocorridas no passado. (BOSI, 1994, p.55)

Ela cantava:

*Senhora, D. Viúva,
Com quem você quer se casar?
Com um conde da Alemanha ou com senhor general?
Não quero nenhum desses homens,
Por que não são para mim,
Eu sou uma pobre viúva, só Deus tem pena de mim.*

As lembranças sempre a levavam para a época das cantigas de roda e brincadeiras da infância. “Era tão bom naquele tempo, nas noites de lua” (ZILDA, f., aprox., 85 anos, 20 de novembro de 2012):

Suas lembranças remetem a alguém, mas do que o lugar ou os acontecimentos, por isso recorda com tristeza um passado que viveu com pessoas que não estão mais presentes: “morreu todo mundo, só ficou Eu e Rosinha, Rosinha foi para cidade e eu fiquei só aqui” (Id. Ibid.).

“Cada um lembra-se de um jeito diverso, segundo o que lhe interessa e o que amealhou durante a experiência. [...] E esse processo contínuo de seleção só é possível por conta do filtro da cultura” (SIMSON, 2008, p. 02). É a partir da dialética da lembrança e do esquecimento, que se constitui a memória, pois só ocorre registro quando há esquecimento. Nesse ponto a cultura exerce um importante papel na seleção daquilo a ser registrado, funciona como um filtro selecionando aquilo que é importante e útil para cada indivíduo.

Alguns dias depois fui conversar com Benzinho, um senhor de mais ou menos 80 anos, que costuma ficar muito tempo sentado na varanda da casa observando o vai e vem de pessoas, não o vejo muito pela Vila. Na primeira roda de conversas que realizamos ele disse que não iria participar, apesar da iniciativa da ASCOMAT de convidá-lo pessoalmente, assim como outros idosos da vila. Quando eu fiz a entrevista e perguntei sobre o resgate das manifestações culturais ele respondeu:

Depois que a minha mãe morreu, eu perdi a alegria, não ando em porta de festa. (Benzinho, m., 80 anos, 21 de dezembro de 2012).

Ao chegar ao fim desse percurso considero válido repensar uma etnografia da memória que conforme Cavignac (2007a) é a etnografia adequada para distinguir entre as palavras das diferentes gerações e conseqüentemente aos modos distintos de experiência social. A memória é revitalizada a partir da criatividade dos interlocutores que dão novos conteúdos às antigas narrativas que teriam desaparecido no limbo do esquecimento (CAVIGNAC & CIACHI, 2007). Essa afirmação tem ligação direta com o fato das pessoas darem novo sentido no presente aos acontecimentos do passado. E no final, o que dura? “Apenas aquilo que tem razões para recomeçar” (BACHELARD *apud* ROCHA e ECKERT).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discorrer sobre a história permitiu o entendimento da dinâmica da vila, o cotidiano, as pessoas e a relação desta com a cultura, religião e economia. As dificuldades hoje vivenciadas na vila são resultantes desse passado marcado pelos processos de “modernização” oriundos da instalação da Dow do Brasil na Ilha de Matarandiba. A chegada da empresa mineradora pôs fim as principais atividades produtivas, meio de sobrevivência de algumas famílias da Vila. O resultado é a exclusão econômica e social da localidade. Da população usurpou-se o direito a terra, aos espaços de lazer e moradia.

E o hoje? Conseqüentemente, o hoje é marcado pela exclusão, expropriação dos direitos básicos, por jovens que não exercem nenhum tipo de atividade produtiva, idosos que sofrem com a falta de acesso aos serviços de saúde, dentre outros aspectos. Nesse sentido, mais uma vez afirmo que estes são motivos suficientes para pessoas recorrerem a sua história, ao passado, não no sentido de revivê-lo, pois lembrar é reconstruir o passado a partir das ideias e imagens do hoje. O processo de reconstrução do passado é anterior à institucionalização de um espaço museal comunitário. Aos poucos, as pessoas já estavam reconstituindo a memória social, seja através da pesquisa de campo na própria comunidade sobre as manifestações culturais do passado e revitalização destas, ou através da valorização e manutenção das festas tradicionais da vila. O museu comunitário surge nessa perspectiva, para adensar um trabalho que já vinha sendo realizado, e este, passa assumir um protagonismo na dinâmica da vila por garantir aos diferentes sujeitos a valorização da sua própria história.

Os objetos doados ao museu constituem uma agência, estão imbuídos de significados e carregam memórias, há uma reciprocidade, uma relação. São objetos que carregam a história das pessoas, aqui caminhamos para o ponto central da dissertação, as pessoas. Reitero nesse sentido, mais do que os lugares e os acontecimentos, são os personagens que assumem o protagonismo no processo de reconstituição da memória social. O sentimento de identidade está intrinsecamente ligado a essa

projeção às pessoas que permeiam as lembranças. Dessa vez são os objetos que servem para “contar” pessoas.

Ora, não devemos deixar de lado o fato de esse processo de reconstituição da memória social de Matarandiba fazer parte, também, é claro de um contexto mais amplo, onde se tem repensado cada vez mais a categoria de desenvolvimento associada a uma lógica que leve em conta as soluções coletivas do grupo para este desenvolvimento, refiro-me ao projeto de economia solidária local, a autogestão, o associativismo, cooperativismo, dentre outros, que mesmo com todo intervencionismo da empresa mineradora têm sido utilizados por algumas lideranças comunitárias da vila como uma saída para aquisição de poder social, ou seja, para que as pessoas assumam o controle dos seus próprios destinos.

A pergunta inicial, o fio condutor desta etnografia, ou seja, às motivações que levaram os moradores a se mobilizarem para reconstruir e perenizar a memória coletiva do local pode ser mais facilmente respondida. A maior motivação é decorrente de um presente insatisfatório, seja por conta dos processos de modernização que a vila passou nos últimos anos, principalmente com a chegada da Dow, ou também por conta do aumento da evangelização das Igrejas Neopentecostais. O processo de reconstituição da memória social é consequência dessa insatisfação com o hoje. E isso está presente nas narrativas da maioria das pessoas, direta ou indiretamente.

Por fim, a memória, essa categoria lacunar e cíclica de uma duração - com as suas razões para recomeçar - de um passado e um presente sobrepostos - foi conectada por meio dos discursos individuais que compõem as narrativas locais, com o intuito de elaborar uma metanarrativa etnográfica sobre o processo de (re)constituição da memória social através do Ponto de Memória Tia Dina.

REFERÊNCIAS

- ABIB, Pedro. Capoeira Angola: **Cultura Popular e o Jogo dos saberes na Roda**. Campinas: SP: UNICAMP/CMU; Salvador: EDUFBA, 2005.
- ABREU, Regina Maria do Rego Monteiro. Patrimônio Cultural: Tensões e Disputas no Contexto de uma Nova Ordem Discursiva. In: FILHO, Manuel Ferreira Lima; ECKERT, Cornélia; BELTRÃO. (org). **Antropologia e Patrimônio Cultural: Diálogo e desafios contemporâneos**. Blumenau : Nova Letra, 2007. 368p.
- AMAZONAS, Archimedes Ribas. **Representações sobre os museus de Salvador: Um estudo junto ao público universitário**. 2009. 114f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia.
- BÂ HAMPATÉ, A.. A tradição Viva. In: **História Geral da África**, I: Metodologia e pré-história da África. Editado por Joseph Ki-Zerbo. 2. Ed. Ver – Brasília: Unesco, 2010.
- BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BAUMAN, Zigmund. **Comunidade: A busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BECKER. Howard. “A História de Vida e o Mosaico Científico”. In: **Métodos de pesquisa em ciências Sociais**. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.
- BETRÃO, Jane Felipe; CAROSO, Carlos. Patrimônio, Linguagens e Memória Social. In: FILHO, Manuel Ferreira Lima; ECKERT, Cornélia; BELTRÃO. (org). **Antropologia e Patrimônio Cultural: Diálogo e desafios contemporâneos**. Blumenau : Nova Letra, 2007. 368p
- BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade: Lembrança de velhos**. Ed. Companhia das Letras: São Paulo, 1994.
- CARNEIRO, Ceres Ferreira. **Paul Zumthor e as marcas da oralidade**. Disponível em: <http://www.primeiraversao.unir.br/artigo134.html>. Acesso em: 20 de agosto de 2010.

- CAVIGNAC, J. A. **Mito e memória na construção de uma identidade local**. Organon (UFRGS), v. 42, p. 95-111, 2007. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/organon/article/view/36163/23366>. Acesso em: 10 de janeiro de 2013.
- CAVIGNAC, J; CIACCHI, A. OUVIR A CULTURA: Antropólogos, Memórias, Narrativas. In: FILHO, Manuel Ferreira Lima; ECKERT, Cornélia; BELTRÃO. (org). **Antropologia e Patrimônio Cultural: Diálogo e desafios contemporâneos**. Blumenau: Nova Letra, 2007. 368p.
- CHOAY, Françoise. Introdução: Monumento e monumento histórico. In: **A alegoria do Patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade: Editora UNESP, 2001.
- CLIFFORD, J. **A Experiência Etnográfica**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2002 (Sobre a Autoridade Etnográfica, p. 17-62).
- DA HORA, Rafael Cesário. **Possibilidades dos estudos da memória na abordagem antropológica do envelhecimento**. Disponível em: <http://antropologias.descentro.org/seminarioppgas/files/2012/06/Thiago-Da-Hora-2012.pdf>. Acesso em: 10 de março de 2013.
- DA MATA, Roberto. ‘O ofício do Etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues”’ In NUNES, E. de Oliveira (org.) **A aventura sociológica**. RJ: Zahar, 1978.
- DEBERT, Guita. Problemas relativos à utilização de História de Vida e História Oral. In: Ruth Cardoso (org). **A Aventura Antropológica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- EVANS-PRITCHARD, E. Antropologia e História. In: **Ensayos de Antropologia Social**. Siglo: México, 1974.
- EVANS-PRITCHARD, E. Tempo e Espaço. In: **Os Nuer: Uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. **Ser afetado**. Revista Cadernos de Campo. Vol. 13, n. 13, 2005. Tradução de Paula Siqueira. Disponível em: http://www.fflch.usp.br/da/arquivos/publicacoes/cadernos_de_campo/vol13_n13_2005/cadernos_de_campo_n13_155-161_2005.pdf. Acesso em: 25 de julho de 2011.
- FILHO, Manuel Ferreira Lima; ECKERT, Cornélia; BELTRÃO. Quando o Campo é o Patrimônio. In: FILHO, Manuel Ferreira Lima; ECKERT, Cornélia; BELTRÃO. (org). **Antropologia e Patrimônio Cultural: Diálogo e desafios contemporâneos**. Blumenau: Nova Letra, 2007. 368p.
- FRANÇA FILHO, Ge; RIGO, A; LEAL, L. **Moedas sociais e territórios na experiência dos Bancos comunitários de desenvolvimento no Brasil**. In: Congresso Internacional da Alas, XXVIII, 2011, Recife. Anais Eletrônicos. Recife: UFPE, 2012. Disponível em: http://www.sistemasmart.com.br/alas/arquivos/alas_GT07_Genauto_Carvalho_de_Franca_Filho.pdf. Acesso em: 05 de fevereiro de 2012.
- FRESSATO, Sol. **De mãos dadas com Memosine e Clio: Narradores de Javé**. Disponível em: www.museudapessoa.net. Acesso em: 10 de agosto de 2010.
- FONSECA, Cláudia. **“Quando cada caso não é um caso: pesquisa etnográfica e educação”**. Revista Brasileira de Educação, n. 10, vol 17, nº. 49, p.11-29.
- GOLDMAN, Márcio, **Alteridade e experiência: antropologia e teoria etnográfica**. Revista Etnográfica, Lisboa, vol X(I), 2006, p.161 -173.
- GONÇALVES, José Reginaldo S. **Ressonância, Materialidade e Subjetividade: As Culturas como patrimônios**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 11, n 23, p. 15-36, jan/jun 2005.
- GONDAR, Jô: **Quatro Proposições sobre Memória Social**, in: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. O que é memória social, Rio de Janeiro: UNIRIO, 2005.
- HALBWACHS, Maurice; tradução Laís Teles Benoir. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.
- HALL, Stuart. Que negro é esse na cultura Negra? In: _____. SOVIK, Liv. (Org) **Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Humanitas/Editora UFMG, 2003.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

- IANNI, Otávio. **Uma longa viagem**. Revista Tempo Social, USP, junho/ 2004.
- KESSEL, Zilda. **Memória e Memória Coletiva**. Disponível em: www.museudapessoa.net. Acesso em 10 de agosto de 2010.
- LE GOFF, Jacques. Memória. In_ **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. "A gesta de Asdiwal". In: **Antropologia Estrutural Dois**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1949. "Introdução: História e Ethnologia". In_ **Antropologia Estrutural: 3-33**. Plon, Paris, 1958.
- LINS DE BARROS, M. M. **Memória e família**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. J. 1989. p. 29-42. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2277>. Acesso em: 15 de janeiro de 2013.
- LOPO, Rafael. **Do IAPI a Saavedra, entre moradas, memórias e estórias: um estudo etnográfico sobre duração e sociabilidade em bairros operários de Porto Alegre e Buenos Aires**. 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.
- MARTINS, Rafael Losada; CAROSO, Carlos. Lembranças, Memórias, Esquecimentos e Versões: Trajetória de um Médico Popular na Ilha de Itaparica. In: Carlos Caroso. (Org.). **Cultura, Saúde, Tecnologias e Medicinas em Perspectiva Antropológica**. 1 ed. Salvador: EDUFBA, 2008, v. 500.
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- MYLIUS, Leandra; ECKERT, Cornélia. **A imagem que permanece, a narrativa que interpreta: estudo antropológico da memória afetiva da guardiã dos retratos de família**. Revista Iluminaras. Capa > v. 5, n. 9 (2004). Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/iluminaras/article/view/9179>. Acesso em: 20 de novembro de 2012.
- NASCIMENTO, José. **José Nascimento: depoimento** [dez. 2009]. Entrevistadores: A. Rubim e A. Amazonas. Salvador: CULT, 2009. 1DVD (90min). Entrevista concedida ao Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade.
- NORA, Pierre. **Entre Memória e História: A problemática dos lugares**. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, n. 10, Dez. 1993.
- ORO, Pedro Ari. **Neopentecostais e Afro-brasileiros: Quem vencerá esta Guerra?** Debates do NER, Porto Alegre, ano 1, n. 1, p. 10-36. Novembro de 1997.
- OSÓRIO, Ubaldo. **A Ilha de Itaparica: História e Tradição**. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1979. 4ed Revista e Ampliada.
- PEIRANO, Marisa. **A favor da etnografia**. UNB: Série Antropologia 130,1995. p. 01-21.
- PEREZ, Léa Freitas. **Breves notas e reflexões sobre a religiosidade brasileira**. Edição Especial, *Brasil 500 anos*. junho de 2000. Belo Horizonte, Imprensa Oficial dos Poderes do Estado, pp. 40-58.
- POLLACK, Michel. **Memória e Identidade Social**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.
- RISÉRIO, Antonio. **Uma História da Cidade da Bahia**. Rio de Janeiro: Versal, 2004.
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho. ECKERT, Cornélia. **O tempo e a cidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho. ECKERT, Cornélia. **Memória e ritmos temporais: o pluralismo coerente da duração no interior das dinâmicas da cultura urbano-contemporânea**. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 23, nº 43, janeiro-junho de 2009, p. 105-124.
- SAHLINS, Marshall. 1981. **Metáforas Históricas e realidades míticas: Estrutura nos primórdios da história do reino das ilhas Sandwich**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004

- SAHLINS, Marshall. 1985. Estrutura e história. In: **Ilhas de história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- SAHLINS, Marshall. Adeus aos tristes tropos: a etnografia no contexto da moderna história. In: **Cultura na prática**. Rio de Janeiro, Ed UFRJ, 2007.
- SAHLINS Marshall. **O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (parte I)**. Mana vol.3 n.1 Rio de Janeiro Apr. 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v3n1/2455.pdf>. Acesso em: 10 de janeiro de 2012.
- SANSONE, Livio. O Local e o Global na Afro-Bahia de Hoje. In: **__Negritude sem Etnicidade: O local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil**. Salvador/Rio de Janeiro: EDUFBA/PALLAS, 2004.
- SARDENBERG, Cecília. **Gênero e Memória: lembranças de operário e lembranças de operárias**. IN: PASSOS, Elizete; ALVES, Ívia; MACÊDO, Márcia. (orgs) Revista Metamorfoses: Gênero na perspectiva interdisciplinar. Salvador: EDUFBA, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 1998. (Coleções Bahianas, 3)
- SIMSON, Olga Von. **Memória e cultura**. Disponível em: http://www.democratizacaocultural.com.br/Conhecimento/Entrevistas/Paginas/080214_memoria.aspx. Acesso em: 10 de agosto de 2010.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **O Nativo Relativo**. Mana, vol.8, no. 1, Rio de Janeiro, Abr. 2002.
- WAGNER, Roy. **A Invenção da Cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- WEIDNER MALUF, Sonia. **Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas**. Revista Capa, v. 9, n. 9 (2001). Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/563>. Acesso em: 20 de março de 2013

Outras Fontes

- ABA. Código de Ética do Antropólogo. Brasília: ABA, 1986; 1988.
- ECOSMAR. **Relatório do mapeamento de produção e consumo local**. Salvador: ITES, 2008. Não Publicado.
- NARRADORES de Javé. Direção: Eliane Café. Produção: Eliane Café. Intérpretes: José Dumont, Matheus Nachtergaele, Nelson Dantas, Gero Camilo, Néilson Xavier. Brasil: Bananeira Filmes, 2003. 1DVD (100min), widescreen, color.
- SARDENBERG, Cecilia. **A Violência Simbólica de Gênero e a Lei "Antibaixaria" na Bahia**. Disponível em: http://observatoriodamulher.org.br/site/index.php?option=com_content&task=view&id=4022&Itemid=64. Acesso em: 02 de abril de 2012.